

anti-segurança¹

salete oliveira & gustavo simões

Abertura: pássaros livres

Gus:

“Não há lugar eterno para as coisas, mas há sempre um atravessar surpreendente, tanto do peixe que mergulha no ar quanto do homem que mergulha nas águas”.²

Acácio:

Na epiderme da terra úmida, sob os pés, tatuagens quentes de magma. Já é noite e a lua grávida fratura diante dos olhos o espaço sideral. Num átimo, entre sulcos e relevos de estrelas, o sol incandescente incendeia o meio-dia.

Gus:

“Amaldiçoam o sol todos os cansados; para eles o valor das árvores é – a sombra!”³

Salete Oliveira é doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, professora no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC-SP; pesquisadora no Nu-Sol e no Projeto Temático FAPESP Ecopolítica. Contato: peemanki@yahoo.com.br. Gustavo Simões é mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, pesquisador no Nu-Sol e no Projeto Temático FAPESP Ecopolítica. Contato: gusfsimoes@gmail.com.

Acácio:

“Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo (...).⁴

Acácio e Gus:

“(...) todas (as coisas) o fogo sobrevindo discernirá e empolgará”.⁵

Acácio:

“As biografias deveriam ordenar-se por lugares, e não por datas. Nesta rua fui assim, numa outra fui diverso. Ninguém sabe descrever uma cidade, são as cidades que nos escrevem (...).”⁶

Gus:

“A família salva muita gente de tédio, nas famílias todas as horas têm nome: hora de comer, hora de passear, hora de voltar, hora de comer outra vez. Os apartamentos (...) enchem-se de famílias e de luz aos domingos, tornam-se faróis tristes para quem anda só por andar. Nas horas vazias dos domingos fazem-se perguntas que não tem resposta e alguns [se] matam.”⁷

Acácio:

“Se eu tivesse de responder à seguinte questão: *O que é a escravidão?*, e com uma única palavra respondesse: *É o assassinato*, meu pensamento seria, em princípio compreendido. Eu não precisaria de um longo discurso para mostrar que o poder de suprimir do homem o pensamento, a vontade, a personalidade é um poder de vida e morte, e que fazer o homem escravo é assassiná-lo.

Gus:

Por que, então, a esta outra pergunta: *O que é a propriedade?*, não posso responder do mesmo modo: *É o roubo*, sem ter certeza de ser compreendido, ainda que essa segunda [resposta] só seja a primeira transformada?”⁸

Coro:

“(...) todas (as coisas) o fogo sobrevivendo discernirá e empolgará”.

Cena 1: segurança planetária

Flávia:

“A relação do Estado com a população se faz, essencialmente, sob a forma do que poderíamos chamar de ‘pacto de segurança’.

Leandro:

Antigamente o Estado podia dizer: ‘Vou lhes dar um território’, ou: ‘Garanto-lhes que vão poder viver em paz nas suas fronteiras’. É o pacto territorial, e a garantia das fronteiras que era a grande função do Estado (...)

Lili:

O que o Estado propõe como pacto com a população é: ‘Vocês estarão seguros’. Garantidos contra tudo o que pode ser incerteza, acidente, prejuízo, risco.

Talita:

Vocês estão doentes? Terão a seguridade social!

Mayara:

Não têm trabalho? Terão um seguro-desemprego! (...)

Helena:

Há delinquentes? Vamos assegurar-lhes a sua correção, uma boa vigilância policial!

Bia:

O Estado que garante a segurança é um Estado que está obrigado a intervir em todos os casos em que a trama da vida cotidiana é rompida por um acontecimento singular, excepcional. De repente, a lei não está mais adaptada;

Flávia:

de repente, são necessárias essas espécies de intervenções, cujo caráter excepcional, extra legal, não deverá parecer como signo do arbitrário nem de excesso de poder, mas, ao contrário, de uma solicitude.”⁹

Leandro:

Entretanto, “O *estado de segurança planetário* implica em novos arranjos institucionais e de poder que garantam a *gestão dos fluxos transterritoriais* de capital e produtos

Acácio:

e contenham e desmobilizem resistências, terrorismos, dissonâncias que atravessam e possuem abalar a atual ordem política e econômica global (...)

Bia:

[Vários] Estados passaram a ser alvo de intervenções humanitárias, de missões de paz e projetos de construção de Estados à imagem e semelhança das democracias capitalistas ocidentais:

Helena:

Haiti,

Talita:

Somália,

Joana:

Sudão,

Lúcia:

Afeganistão,

Salete:

Mali.

Lili:

A segurança dos Estados e do capitalismo passou a ser articulada à segurança dos fluxos produtivos,

Sofia:

à contenção dos fluxos transterritoriais instabilizadores, ao gerenciamento das crises humanitárias e ambientais, com suas violências,

Mayara, Helena, Talita:

Misérias,

Bia, Flávia, Joana:

(...) levas de refugiados

Lili, Acácio:

e imigrantes ilegais.

Leandro:

A segurança dos Estados e do capitalismo amolda-se à segurança dos consórcios de Estados, como a União Europeia e das coligações de Estados em organismos (...)

Gus:

ONU,

Talita, Helena, Mayara:

(...) Organização Mundial do Comércio,

Bia, Flávia, Joana:

(...) União Africana,

Acácio e Leandro:

(...) Unasul.

Lili:

A segurança dos Estados e do capitalismo não abre mão dos dispositivos diplomático-militares da segurança nacional, mas os redimensiona anunciando um *ambiente planetário de segurança*".¹⁰

anti-segurança

Cena 2: segurança na era de Kant

Bia:

“A Declaração Universal dos Direitos Humanos (...) de 1948, postula (...) um longo catálogo de direitos políticos e sociais.

Flávia:

o direito à vida, à liberdade e à segurança da pessoa, [o direito à propriedade. E muito mais] (...)

Helena:

A retórica do universalismo é uma característica específica do ocidente.”¹¹

Lili e Sofia:

Bem vindos ao século XXI, cidadãos cosmopolitas! Viva a segurança planetária!

Mayara:

Há felicidade maior do que viver em busca da eterna paz perpétua? Onde todo santo dia é dia de...

Lili, Mayara, Sofia:

Comemorar!

Sofia:

Ehhhhhhhhhhhhhh!!!!!!!

Mayara:

Então vamos ao nosso cronograma

Lili:

anual,

Lúcia:

fraternal,

Helena:
global,

Sofia:
internacional,

Joana:
local, regional e mundial.

Lili:
“O Secretário-Geral das Nações Unidas (...) destacou em mensagem (...) que os conflitos armados atacam os muitos pilares do desenvolvimento sustentável [a saber: econômico, social e ambiental]. ‘Os recursos naturais devem ser usados para o benefício da sociedade não para financiar guerras’, enfatizou o secretário.

Joana:
Em 2001, a ONU também aprovou resolução que decreta o dia 21 de setembro como um momento de cessar-fogo, para incentivar a interrupção de conflitos armados e atos violentos em todo o mundo durante a data.”¹²

Sofia:
“A ideia surgiu com a Peace One Day, organização não-governamental da Grã-Bretanha, que luta pela criação de uma cultura de paz global”.¹³

Mayara:
Viva, viva, viva a cultura de paz!

Lili:
“A sociedade de controle é uma sociedade de segurança

Helena:
[pautada] pela confiança nos programas – de governo, organizações e computação

anti-segurança

Lili:

– e [na] tolerância como maneira de lidar com assimetrias e dissimetrias.

Flávia:

Funda a era da democracia, da convocação à participação

Lúcia:

redimensionando a representação por uma plethora de direitos

Bia:

que suprimem os específicos direitos sociais, anteriormente conseguidos.

Flávia:

Constrói-se uma vida em fluxos regidos segundo protocolos,

Sofia:

uma vida diplomática em que não prepondera mais o Estado diante do exterior, (...)

Flávia:

era do cosmopolitismo, da hospitalidade aos assemelhados, da crença na paz perpétua, do empírico, da comparação, do pluralismo e do relativismo cultural.

Coro masculino:

Nem Hegel, nem Marx, mas era de Kant.”¹⁴

Cena 3: segurança de pastos e pastores.

Leandro:

“Todas as formas de governo estão destinadas ao fracasso (...) Devo dizer que essa descoberta não veio sem tempo, pois toda autoridade é degradante. Degrada aqueles que a

exercem, como aqueles sobre quem é exercida. Quando usada de forma violenta, brutal e cruel, dá bom resultado, porque gera ou, de algum modo, faz aflorar o espírito de revolta e o Individualismo que lhe deve dar fim. Quando usada com certa dose de amabilidade e acompanhada de prêmios e recompensas, torna-se assustadora e desmoralizante. Os indivíduos, neste caso, têm menos consciência da horrível pressão a que estão submetidos. Assim, atravessam a vida numa espécie de rude conforto, como animais domesticados, sem jamais se darem conta de que estão pensando pensamentos alheios, vivendo segundo padrões alheios, vestindo praticamente o que se pode chamar de roupas usadas do alheio, sem nunca serem eles mesmos por um único momento.”¹⁵

Acácio:

“(…) O poder pastoral (...) não tem outra razão de ser senão fazer o bem. É que, de fato, o objetivo essencial, para o poder pastoral é a salvação do rebanho (...)”

Gus:

não se está muito distante do que é tradicionalmente fixado como o objetivo do soberano – a salvação da pátria – que deve ser a Lex suprema do exercício do poder.”¹⁶

Cena 4: um não à razão

Coro:

No Haiti!

Leandro:

“Quantos filhos a senhora tem?”

Lúcia:

Dezesseis.

Leandro:

Onde eles estão?

anti-segurança

Lúcia:

(...) nove estão na escola.

Leandro:

E os outros?

Lúcia:

Que outros?

Leandro:

Os outros sete filhos.

Lúcia:

(...) eles morreram.

Leandro:

Senhora, nós não contamos os mortos.

Lúcia:

E porque não? São meus filhos. Para mim estão vivos para sempre.¹⁷

Coro:

No Brasil.

Bia:

Seu filho está preso?

Salette:

Sim.

Bia:

Qual a idade?

Salette:

13...

Bia:

O que você pretende?

Salete:

Arrancá-lo daqui.

Bia:

Como?

Salete:

O que você ouviu.

Bia:

Como? O que você quer?

Salete:

Eu quero explodir essa prisão para que mais ninguém seja internado.

Bia:

Por uma questão de segurança, seu filho está agora sob a custódia do Estado e das autoridades competentes.

Salete:

“O filho é meu. Não é do Estado, do juiz, do promotor, da polícia, nem da lei! Eu tive meu filho por que eu quis! Eu não pus filho no mundo para apanhar da polícia! Ninguém toca na minha cria! Eu defendo e lambo minha cria como uma cadela! Eu sou uma cadela!”¹⁸

Cena 5: um artista da fome

Sofia:

“Nas últimas décadas o interesse pelos artistas da fome diminuiu bastante. Se antes compensava promover, por conta própria, grandes apresentações desse gênero, hoje isso é completamente impossível. (...)”

Bia:

Certa vez um inspetor notou a jaula e perguntou aos ser-

anti-segurança

ventes porquê deixavam sem uso aquela peça perfeitamente aproveitável com palha apodrecida dentro;

Sofia:

ninguém sabia, até que um deles, com ajuda da tabuleta, se lembrou do artista da fome. Levantaram a palha com ancinhos e encontraram nela o jejuador.

Flávia:

– Você continua jejuando? (...) Afinal quando vai parar?

Gus:

– Peço desculpas a todos.

Flávia:

– Sem dúvida. (...) Nós o perdoamos.

Gus:

– Eu sempre quis que vocês admirassem o meu jejum (...).

Flávia:

– Nós o admiramos (...) Por que não haveríamos de admirar?

Gus:

– Mas não deviam admirar (...).

Flávia:

– Bem, então não admiramos (...) Por que é que não devemos admirar?

Gus:

– Porque eu preciso jejuar, não posso evitá-lo (...).

Flávia:

– Bem se vê (...) E por que não pode evitá-lo? (...)

Gus:

– Porque eu não pude encontrar o alimento que me agrada. Se eu o tivesse encontrado, pode acreditar, não teria feito nenhum alarde e me empanturrado como você e todo mundo.

Sofia:

Estas foram suas últimas palavras, mas nos seus olhos embaciados persistia a convicção firme, embora não mais orgulhosa, de que continuava jejuando.

Flávia:

– Limpem isso aqui!

Bia:

(...) e enterraram o artista da fome junto com a palha.

Sofia:

Mas na jaula puseram uma jovem pantera.

Bia:

Era um alívio sensível até para o sentido mais embotado ver aquela fera dando voltas na jaula tanto tempo vazia. Nada lhe faltava. O alimento de que gostava, os vigilantes traziam sem pensar muito; nem da liberdade ela parecia sentir falta: aquele corpo nobre, provido até estourar de tudo o que era necessário, dava a impressão de carregar consigo a própria liberdade; ela parecia estar escondida em algum lugar das suas mandíbulas.

Sofia:

E a alegria de viver brotava da sua garganta com tamanha intensidade que para os espectadores não era fácil suportá-la. Mas eles se dominavam, apinhavam-se em torno da jaula e não queriam de modo algum sair dali.”¹⁹

Cena 6: a nova gramática da segurança

Leandro:

“(...) A palavra ‘security’ – ‘condição de estar seguro’ (...) – [designa] ‘estar livre de ameaças (...)’ –; e é aplicada, em termos políticos, à situação de um Estado.

Mayara:

Já ‘safety’ – ‘estar a salvo’(...) – [é utilizada] primordialmente (...) [em relação] à saúde das pessoas e a possíveis danos (...) [que possam atingi-las](...)”²⁰

Lúcia:

Security, safety. Oh, my god! Vou ter que fazer um curso de inglês...

Leandro:

“a emergência do conceito de *segurança humana* nos anos 1990 [foi] acompanhada da definição precisa dos chamados ‘crimes contra a Humanidade’,

Acácio:

da formação dos tribunais penais internacionais *ad hoc* (para a ex-Iugoslávia e para Ruanda) e do processo que culminou com a assinatura do Tratado de Roma, de 1998, criador do Tribunal Penal Internacional.

Talita:

O conceito de *segurança humana* baseia-se (...) na atribuição aos Estados do *dever* de proteger e de assegurar os direitos humanos de seus cidadãos;

Lili:

decisão que encaminha a possibilidade de sanções internacionais, administradas pela ONU, e que, no limite, podem autorizar intervenções militares com [justificativa] humanitária (...)

Bia:

As mudanças climáticas, com suas alterações ecológicas, gerariam ou agravariam conflitos em regiões turbulentas produzindo problemas de segurança para os europeus, pois muitas dessas regiões (...)

Coro:

na África, no Oriente Médio e no Cáucaso

Flávia:

são, simultaneamente, produtoras de gás natural e petróleo dos quais dependem os europeus;

Joana:

e potenciais emissores de levadas migratórias de refugiados (fugindo de catástrofes ambientais e de conflitos armados) a pressionar as fronteiras da *fortaleza europeia*.

Helena:

[O] mais importante desse movimento de securitização das mudanças climáticas (...) [está] nos programas *preventivos* voltados às regiões tidas como problemáticas.

Sofia:

São 'ameaças' os miseráveis em trânsito pressionando as fronteiras europeias ou a divisa entre os EUA e o México;

Mayara:

são 'perigosos' os conflitos em regiões geoestratégicas fundamentais para assegurar o fluxo de produtos e componentes

Coro:

como o Chifre da África com seus piratas;

Sofia:

são 'turbulentas' as áreas nas quais conflitos novos e antigos [ameaçam] comprometer o fornecimento de gás ou petróleo para alimentar o capitalismo

anti-segurança

Coro:

(...) como o Oriente Médio e o Cáucaso (...)

Sofia:

[A produção de] novos conceitos de segurança (...) (segurança ambiental/climática; segurança humana; segurança energética, segurança econômica, segurança societal ...) acabam por produzir um *continuum de securitizações* voltado simultaneamente à proteção do indivíduo e do planeta.

Acácio:

As intervenções humanitárias passam a ser justificadas em nome dos direitos humanos; regiões são, por vezes, consideradas problemáticas por abrigar grupos terroristas ou demais ilegalismos transterritoriais;

Bia:

países inteiros passam a sofrer intervenções operacionalizadas por coalizões de Estados em nome da *safety* de suas populações, da *security* de suas instituições e da estabilidade política das regiões onde se encontram

Coro:

como no Haiti.”²¹

Bia:

“E então, numa manhã, eles chegaram em Bombardópolis [uma cidadezinha minúscula, perto de Port-de-Paix]. A investigação prometia (...)

Lúcia:

‘Como você se chama?’ (...)

Leandro:

‘É segredo.’

Salete:

‘Um nome não pode ser segredo.’

Leandro:
'Pode sim senhor inspetor.'

Salete:
'Bem, como o chamam normalmente?'

Leandro:
'O homem.'

Lúcia:
'O homem?'

Leandro:
'Sim, o homem, assim mesmo.' (...)

Lúcia:
'Quantas refeições faz por dia?' (...)

Leandro:
'Uma por trimestre.'

Lúcia:
'Uma o que por trimestre?'

Leandro:
'Uma refeição senhor.'

Salete:
'E em que consiste essa refeição?'

Leandro:
'Um prato de arroz com um pedaço de carne de porco.'

Lúcia:
'E nos outros dias?'

Leandro:
'Nada.'

Salete:

‘Como nada?’

Leandro:

‘Nada, não como nada.’ (...)

Sofia:

Uma terceira comissão, composta, dessa vez, de especialistas da *Food and Drug Administration*, (...) [passou] três meses na cidadezinha, e somente depois [desse período] (...) as pessoas manifestaram o primeiro desejo de uma refeição quente. Naturalmente, toda essa história tornou-se rápido um segredo de Estado (...)

Bia:

(...) eles proibiram o acesso a Bombardópolis cercando a cidade com arame farpado. (...)

Sofia:

Segundo as poderosas companhias de alimentação que vendem trigo, batatas, ou laranjas no mundo inteiro, era preciso simplesmente liquidar a cidadezinha de Bombardópolis. Para eles, um tal estado de coisas ocasionaria a morte da indústria agroalimentar, o que seria um golpe mortal para o próprio capitalismo (...) segundo a CIA, a fome ainda é a mais poderosa arma (...).

Bia:

Por algum tempo, eles (...) acalentaram a ideia de matar todos os habitantes de Bombardópolis inoculando-lhes uma doença qualquer... Acho que a peste branca.

Gus:

O que os impediu (...)?

Bia:

A mania de saber... Eles não farão isso nunca enquanto não souberem exatamente porque os habitantes de uma cidadezinha do noroeste do Haiti não conhecem a fome.”²²

Cena 7: o mundo não acabou, pausa para um cafezinho

Lúcia canta: *Nostradamus* (Eduardo Dusek)

Cena 8: sexo seguro

Leandro:

“Houve um tempo em que o Estado punia as relações entre pessoas do mesmo sexo como homossexualismo condenável moralmente. Hoje ele deve punir condutas contra o homoerotismo. Produziu-se uma inversão de sinais, revisão de conceitos. Houve *progresso* na aceitação desta conduta porque ela é produtiva e ajustou as transgressões sexuais às regulações familiares.

Salete:

Esta é a positividade do poder. A repressão é, e sempre foi, apenas uma ponta do iceberg que governa a conduta obediente e produtiva”.²³

Lili:

Comunicação, “Guia para um sexo amigável com o meio ambiente”, apresentada no Colóquio *A sustentabilidade do sexo verde seguro aplicado para um mundo melhor*.

Helena:

Primeira posição preliminar:

“Prefira as frutas aos pratos afrodisíacos à base de frutos do mar.

Mayara:

[Segunda posição preliminar:]

Tomar banho a dois, além de ser mais romântico, ajuda a economizar água [só não pode demorar hoouooras debaixo do chuveiro] (...).

anti-segurança

Talita:

[Terceira posição preliminar:]

Não use lubrificantes íntimos à base de petróleo, como vaselina. Prefira os produtos à base de água [lembrando que a saliva é muito útil também] (...).

Joana:

[Quarta posição preliminar:]

Prefira redes de material orgânico.] Caso use cama, ela deve ser feita de madeira [cer-ti-fi-ca-da], resultado de processos de extração sustentável (...);

Bia:

[Quinta posição:]

Faça sexo de luz apagada.”²⁴ Garanta o gasto de sua energia e poupe a do planeta.

Cena 9: sexo solto

Lili:

“Os mornos anos 90 vieram aclamar o apogeu da tolerância em inúmeras dimensões da vida

Gus:

e a iminência da morte, sob o advento da AIDS, serviu mais do que nunca para uma nova tentativa de interceptação do sexo em seu aspecto mais rebelde, o prazer do descomedimento.

Bia:

(...) outorgou a todos os mucos e líquidos vitais do corpo que circulassem e explodissem hermeticamente fechados sob invólucros de látex e afins.

Gus:

O contato direto da carne foi colocado em suspeição (...)

Acácio:

O discurso médico-jurídico higienista pôde propagar aos quatro ventos as vantagens do sexo seguro,

Bia:

defendendo (...) a manutenção preferencial de um único parceiro, não como uma consequência da escolha amorosa, mas como medida de segurança (...)

Leandro:

Passou a ser impossível ignorar que o uso de preservativo.

Lili:

(...) a prática do sexo com camisinha (...)

Acácio:

precisa ser (...) encarada como prática do cuidado de si, (...)

Leandro:

(...) como zona da convivência de possíveis instaurações que comporta novos arranjos do prazer

Gus:

mesmo porque sem excesso e descomedimento não há orgasmo (...).²⁵

Cena 10: a ruína da sintaxe

Gus:

“Estão implícitos no uso das palavras (quando se passam mensagens) a instrução, o governo, a coação e, finalmente, o exército.

Sofia:

Uma vez que as palavras, quando comunicam, não chegam a ter efeito algum, começa a se tornar evidente para nós

anti-segurança

que precisamos de uma sociedade na qual a comunicação não seja praticada, na qual as palavras se tornem *nonsense*,

Gus:

assim como acontece entre amantes,

Sofia:

e na qual as palavras se tornem o que elas eram originalmente: árvores e estrelas e o resto do ambiente primitivo.”²⁶

Cena 11: segurança na internet

Leandro:

“A chegada da internet e as mais variadas e abundantes tecnologias correlatas consolidaram uma subjetividade conveniente à liberdade liberal que requer livre circulação de palavras e condutas com segurança.

Mayara:

Das práticas dos embaralhadores de IPs e invasores de provedores vieram os programas de segurança

Lili:

(...) paulatinamente, começou-se a conformar um direito penal para regular os usos e formas de acessos.

Flávia:

(...) do cidadão comum aos políticos, principiou a suspeita relativa ao monitoramento das informações arquivadas por cada um.

Sofia:

E o que era a livre expressão democrática, nada mais é do que o constatado controle monitorado de acessos, correspondências, arquivos e desejos.

Lili:

A comunicação eletrônica instantânea e espontânea sempre foi transparente e por sê-lo, gradualmente, compôs seu direito penal em nome da moral e da ética responsável.

Bia:

[STOP] Mais uma vez *o sonho acabou*. Não o sonho libertário que não espera pelo futuro, mas o devaneio dos cidadãos que supostamente esquecem que só há direito porque devem cumprir com seus deveres.

Lili:

Resta-lhes, por ora, o refúgio em Facebook e similares, em fotografar-se em trânsito e como turista, em postar instantâneos de uma contestação ou festividade, em compartilhar pelas *redes*.²⁷

Cena 12: conversação abolicionista libertária

Acácio:

“Quem aprisiona jovens não merece respeito nem consideração.

Gus:

O abolicionismo [penal] está dentro das universidades sim, para inventar outra linguagem (leia [Louk] Hulsman), para inventar a linguagem como vírus (leia [William] Burroughs), para arruinar com o fascismo na linguagem (leia [Roland] Barthes, [Michel] Foucault...). [O abolicionismo penal] Não fala por convicção porque a convicção é própria de quem aprecia a polêmica, dos que pregam, e todo polemista só se interessa pela sua própria doutrina. O abolicionismo penal é anti-doutrinário (...)

Acácio:

Internar jovens é mais e menos que burrice. São poucos os jovens seletivamente pegos pelo sistema [penal]; esta-

anti-segurança

tisticamente [eles são] irrelevantes. O sistema [penal] reconhece isso, mas se fortifica por “EXEMPLOS” adversos. Então, porque não investir em outras respostas livres para essas situações-problema? Isso é possível a partir de AGORA, deste instante, deste ACONTECIMENTO. Às crianças e jovens pertencem as suas futuras liberdades, desde que as propiciemos.

Lili:

Se a prisão é um fracasso, acabem com ela!

Flávia:

Para um abolicionista [penal] não há um antes ou depois, há o presente, agora, como eu conversando livremente [com você].

Salette:

Falamos do fim da internação de jovens, do fim da prisão para jovens, estamos falando de algo possível AGORA mesmo nesse capitalismo politicamente conservador. [É] nestes momentos paradoxais que a experimentação se torna mais contundente, urgente, sensata. O abolicionismo [penal] não prega, desprega.”²⁸

Cena 13: não se abre mão da vitalidade

Acácio:

“Hoje em dia é raro alguém não se dizer democrata, e não é nada difícil compreender essa conduta. Há milhares de vermes vivos que assim se declaram, mesmo porque são capazes de afirmar que o golpe civil-militar de 1964 tinha por objetivo a democracia e ela aí está. Isso é política.”²⁹

Leandro:

“Não é por acaso que [durante a ditadura civil-militar] esta época em que mais se tortura, mais se perseguem opositores, mais se sequestra, mais se assassina, é também a época

do ‘milagre brasileiro’, quando se vende a imagem da ‘ilha de tranquilidade’, de ‘progresso’, de ‘bem-estar’, de ‘euforia’, tanto interna como externamente (...).

Bia:

Instala-se na [América do Sul] a Doutrina de Segurança Nacional (...) Toda e qualquer oposição que possa abalar a ‘segurança do Estado’ é considerada crime e, como tal, é punida (...)

Leandro:

[No Brasil, os Esquadrões da Morte emergiram nos anos 1950] Principalmente nos anos 70 (...) [foram] utilizados como instrumentos (...) para ‘diminuir os índices de criminalidade’ entre as populações marginalizadas das periferias das grandes cidades.

Bia:

[Ligaram-se] também à polícia política, fazendo parte do chamado ‘sistema de segurança’ (...).

Leandro:

São esses Esquadrões da Morte que [inspiraram] nos anos 80 e 90 os famosos ‘Grupos de Extermínio’ (...).³⁰

Bia:

Guantánamo, o campo de concentração estadunidense em solo cubano permanece em atividade e funciona como laboratório de replicação da prática da tortura para outras partes do planeta, em nome da legítima defesa dos chamados inocentes. Da legítima defesa da segurança do Estado de Direito.

Leandro:

O uso da tortura, contra os identificados como terroristas aparece agora como: “técnicas reforçadas de interrogatório”. Neste mais recente vocabulário da tortura humanizada, asfixiar uma pessoa debaixo da água virou “afogamento simulado”.

anti-segurança

Bia:

“As pessoas são convencidas (...) que para sua segurança (...) para a minha segurança, o outro pode ser torturado e até ser morto.”³¹

Gus:

Enfim, ao repor o Estado de direito esqueceram-se que “O Estado de direito é um Estado penal, senão não seria Estado. Estado sem punição é vida sem Estado.”³²

Acácio e Gus:

“A polícia cidadã, armada ou não, científica e *humanitária* continua sendo a velha e podre polícia!”³³

Cena 14: a vida é de queimar as questões

Salette:

“(...) Aqui mesmo é que o Fogo principia. O fogo de línguas. O fogo tecido em canotilhos de línguas, na cintilação da terra aberta como um ventre a dar à luz, com entranhas de mel e açúcar. De inteira e obscena ferida se fende porém a barriga mole, mais acima se fende o fogo em retorcidas e incendiadas línguas que nas pontas trazem tanto ventosas como sede. (...) E a terra entreaberta em todo lado e a mostrar segredos áridos. Segredos como superfícies. A terra e os seus nervos, e a suas solidões pré-históricas, a terra de primitivas geologias onde pedaços do mundo se descobrem numa sombra negra de carvão. – A terra é a mãe debaixo do gelo do fogo (...) uma crina onde fervilham olhos. (...) A ponta assustadora da força que vai partir-se num estrondo totalmente azul.”³⁴

Cena 15: fogo anarquista

Acácio:

“Há uma enorme diferença entre se posicionar como apo-

lítico e anti-político; assim como há diferenças entre ser partidário e anti-partidário.

Flávia:

A política é o fim; a política é *um* fim. Reino das negociações, dos acordos, da sistematização da violência e efetivação da dominação como condução das condutas.

Mayara:

Ignorar a política é entregar-se à condução; não combatê-la é aceitar passivamente o governo (...)

Sofia:

Lutar contra os partidos e a lógica das representações é recusar todo léxico reivindicativo, negar toda lamúria dos que se sentem enganados e abandonados pelas autoridades e seus representantes.

Joana:

Quem pede saúde, educação, transporte com o adjetivo de público, confunde o público com estatal, quer Estado. [Não se liberta do Estado como categoria do entendimento!] (...)

Bia:

Quem carrega uma bandeira do Brasil, levanta mais de 500 anos de mortes, massacres, etnocídios e genocídios (...)

Lili:

Cada um que conhece a história (...)

Gus:

[Não esquece na] democracia recente[:] (...) o Massacre do Carandiru,

Salette:

Massacre da Candelária,

Bia:

Eldorado dos Carajás,

anti-segurança

Salete:

os meninos e meninas violentados nos lares das classes altas e baixas,

Acácio:

os castigos e controles escolares,

Gus:

os sistematicamente torturados em batidas, vielas, ruas, [campos e canaviais,]

Lúcia:

favelas e delegacias,

Flávia:

FEBEM e Fundação Casa,

Acácio:

as execuções de maio de 2006,

Bia:

Pinheirinho,

Flávia:

Cracolândia

Lili:

e mais um monte de etc. (...)

Coro:

[Etc., etc., etc., etc.]

Gus:

Ainda assim (...) [insiste-se] em chamar os ativistas radicais de vândalos, desordeiros, anarquistas e irresponsáveis.

Acácio:

Vândalos? Talvez. Este nome designa saqueadores que

apavoravam o poderoso Império Romano. Os que assim são chamados entre os atuais manifestantes de rua atacam:

Coro:
vitrines de agências bancárias:

Flávia:
um [quase nada] diante da violência e do roubo que os bancos praticam cotidianamente; o que é um vidro quebrado, diante do que é um banco?;

Coro:
postos policiais (...) prédios da prefeitura e assembleias:

Lili:
ora, o Estado e suas instituições, por definição, são a concretização do monopólio da violência (...)

Acácio:
(...) Anarquistas? Alguns [o] são declaradamente (...)

Lili:
[as jornadas de junho] deixam claro que a propriedade e o Estado são os que detonam a violência e a desordem. A lei é criadora do crime. A propriedade, o princípio do roubo [, fundamenta a polícia] (...)

Gus:
Se a maioria dos manifestantes fossem mesmo anarquistas, a violência estaria com os dias contados. Acontece que a maioria clama por moralidade, vingança (...). Essa violência, somada ao clamor por ordem e pelo Estado, pode tomar outras proporções.

Acácio:
É preciso ampliar a revolta!

Acácio e Flávia:
Revolta é impulso de vida. (...)

anti-segurança

Lúcia:

Provocar o ingovernável.

Sofia:

O governo produz disputas e guerras.

Gus:

O trabalho, a paixão, o prazer, o tesão de cada um, busca, em associação, produzir vida, inventar liberdades, resistir aos poderes.

Salete:

Não busca a segurança, mas o perigo como potência, reconhecendo a finitude da vida e sua beleza.

Acácio:

A vida como batalha diária que não busca o extermínio, mas o exercício de sua potência como revolução permanente, em combate ao poder onde ele estiver, seja em qual forma se apresente.

Lili:

Nesse momento é preciso estar atento às formas de nossa liberdade, não esquecer que no século XX a maioria sempre esteve ao lado dos tiranos e dos dominadores; que o nacionalismo ampliou e regrou o racismo de Estado; que ditaduras foram instituídas para ‘salvar’ as democracias.

Acácio:

A liberdade não é um valor, é uma prática! (...)

Gus:

Violento é o Estado; arruaceiro é o governo e seus agentes oficiais e extra-oficiais (...).³⁵

Coro:

“(...) todas (as coisas) o fogo sobrevivendo discernirá e empolgará”³⁶

Sofia:

Com fogo, dispenso-me das redes de segurança.

Cena 16: no meu peito não cabem pássaros

Gus:

“Sente-se um silêncio impossível, um silêncio que desafia a cidade inteira. Há [ônibus] parados no meio da rua e os passageiros espalhados à volta de cabeça no ar. Durante alguns minutos ninguém se mexe, a cidade está parada.

Acácio:

De repente um [menino] remendado decide romper o impasse com um salto de despudor, a bolsa de uma senhora desatenta é um pretexto como outro qualquer, ela desce o olhar e grita desapossada, mas o rapaz já vai longe.

Gus:

Gritos, comentários e alguém que chama a Polícia. A cena dessacraliza os olhares e há agora quem descubra que é tarde e faz frio, que não é a primeira vez que o céu arde e a humanidade por [aqui] anda, com a fome de sempre e outras coisas em que pensar. As pernas retomam o andar, os passageiros regressam aos [ônibus], as senhoras agarram-se às bolsas e vão à sua vida, tudo volta ao que era (...)

Acácio:

[O céu arde] e há tanto para fazer antes que chegue a noite. Os homens são curiosos e fazem difícil a vida dos deuses, não há céu que os leve.

Gus:

Os homens são de baixo, do que é pequeno, da rotina e do dever, das vontades curtas, da fome, do desejo que não se adia.

Acácio e Gus:

Se o mundo acabar que acabe, mas que nos leve de barriga cheia e nos dispense da metafísica.”³⁷

Notas

¹ Aula-teatro 14 do Nu-Sol. Pesquisa: Acácio Augusto, Aline Passos, Beatriz Scigliano Carneiro, Cecília Oliveira, Edson Passetti, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Hannah Maruci, Leandro Siqueira, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Mayara de Martini Cabeleira, Salete Oliveira, Sofia Osório, Thiago Rodrigues. Com: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro (Bia), Eliane K. Carvalho (Lili), Flávia Lucchesi, Gustavo Simões (Gus), Helena Wilke, Leandro Siqueira, Mayara de Martini Cabeleira, Salete Oliveira, Sofia Osório. Produção gráfica: Andre Degenszajn. Cenário: Lia Chaia (convidada). Sonofonia: Vitor Osório. Convidadas: Joana Egypto e Talita Alcalá Vinagre. Trilha sonora original: Ricardo Campello e Wander Wilson Chaves Jr. (convidado). Operador de luz: Richard Schultz (convidado). Ambientação: Edson Passetti.

² Edson Passetti. *Ética dos amigos: invenções libertárias da vida*. São Paulo, Imaginário/CAPEs, 2003, p. 21.

³ Friedrich Nietzsche. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 39.

⁴ Heráclito. “Fragmento 30” in *Os pré-socráticos*. Tradução de José Cavalcanti de Souza. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1999, p. 90.

⁵ Heráclito. “Fragmento 66” in *Idem*, p. 94.

⁶ *Ibidem*, p. 29.

⁷ *Ibidem*, p. 31.

⁸ Pierre-Joseph Proudhon. “A propriedade é um roubo” (*Qu'est-ce que la propriété?*) in *Proudhon*. Paulo-Edgar Almeida Resende e Edson Passetti (orgs.). Tradução de Célia Gambini. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Editora Ática, 1986, p. 32.

⁹ Michel Foucault. “Michel Foucault: a segurança e o Estado” in *Ditos e escritos VI: Repensar a política*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010, pp. 172-173.

¹⁰ Thiago Rodrigues. Texto ampliado (2013) a partir do original apresentado em 2012 no documentário *ecopolítica: segurança*, segundo da série produzida pelo Nu-Sol no interior do projeto temático *Ecopolítica: governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*.

- ¹¹ Hans Magnus Enzensberger. *Guerra Civil*. Tradução de Marcos Branda Lacerda e Sergio Flaksman. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 50-52.
- ¹² UNAC (s/d). *Datas Comemorativas das Nações Unidas*. Disponível em: http://www.unac.org/en/news_events/un_days/international_days.asp (acesso em: 17/11/2012).
- ¹³ Idem.
- ¹⁴ Edson Passetti. “Segurança, confiança e tolerância: comandos na sociedade de controle” in *São Paulo em perspectiva*. São Paulo, Fundação Seade, vol. 18, n.1, janeiro/março, 2004, p. 154. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000100018 (acesso em: 15/11/2012)
- ¹⁵ Oscar Wilde. *A alma do homem sob o socialismo*. Tradução de Heitor Ferreira da Costa. Porto Alegre, L&PM, 1996, pp. 15-25.
- ¹⁶ Edson Passetti. “Ecopolítica, procedências e emergência” in Guilherme Castelo Branco e Alfredo Veiga-Neto (orgs.). *Foucault: filoSofia & política*. Belo Horizonte, Autêntica, 2011, p. 139.
- ¹⁷ Dany Laferrière. *País sem chapéu*. Tradução de Heloisa Moreira. São Paulo, Ed. 34, 2011, pp. 79-82.
- ¹⁸ Mulher anônima com seu filho preso na FEBEM-SP. Depoimento gravado pelo Nu-Sol durante o projeto Prodoc-CAPES *Políticas libertadoras, tolerância e experimentação de liberdade, consolidando abordagens de pesquisa em ciências sociais*. Nu-Sol/PEPG Ciências Sociais, 2003-2006.
- ¹⁹ Franz Kafka. “Um artista da fome” in *Um artista da fome/A construção*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 23; 34-36.
- ²⁰ Thiago Rodrigues. “Segurança planetária, entre o climático e o humano” in *Revista Ecopolítica*. São Paulo, Nu-Sol, vol. 3, maio-agosto 2012, pp. 5-41. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/11385> (acesso em: 13/11/2012)
- ²¹ Idem.
- ²² Dany Laferrière, op. cit., pp. 79-82.
- ²³ Edson Passetti. “Entrevista para o CRP-RJ” in *entrelinhas: psicologia, direitos humanos e ética*. Rio de Janeiro, CRP, janeiro-março, 2013, p. 20.

anti-segurança

- ²⁴ Greenpeace. *Guia Greenpeace para um sexo amigável com o meio ambiente*. Disponível em: <http://30euns.blogspot.com.br/2008/09/sexo-ecologicamente-correto.html> (acesso em: 18/11/2012).
- ²⁵ Salete Oliveira. “Quem tem pinto saco cu buceta quer amor” in *Libertárias: Sexo e Anarquia*. São Paulo, Coletivo Libertárias, vol. 3, 1998, pp. 5-6.
- ²⁶ John Cage. “O futuro da música” in Glória Ferreira e Cecília Cotrim (orgs.). *Escritos de artistas: anos 60/70*. Tradução de Pedro Süssekind et al. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009, p. 341.
- ²⁷ Nu-Sol. “Espionagens e monitoramentos: democracia capitalista em fluxos” (*hypomnemata 158*). Julho de 2013. Disponível em <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=189> (acesso em: 13/08/2013)
- ²⁸ Edson Passetti. Entrevista realizada no IBCCRIM (2008). Versão reduzida da entrevista disponível em: <http://www.nu-sol.org/artigos/Artigos-View.php?id=12> (acesso em: 23/01/2013).
- ²⁹ Edson Passetti. “Entrevista para o CRP-RJ” in *entrelinhas: psicologia, direitos humanos e ética*. Rio de Janeiro, CRP, 2013, p. 19.
- ³⁰ Cecília Coimbra. *Guardiães da Ordem*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1995, pp. 19-22
- ³¹ Cecília Coimbra. “Entrevista para o CRP-RJ” in *entrelinhas: psicologia, direitos humanos e ética*. Rio de Janeiro, CRP, 2013, p. 21.
- ³² Edson Passetti, 2013, op. cit., p. 19.
- ³³ Edson Passetti. “Polícia e Cidadania” in *vervedobras*. São Paulo, Nu-Sol, n. 19, 2011, pp. 249-254.
- ³⁴ Antonin Artaud. “Onde se malham as forças” in *A arte e a morte*. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa, MM editores, 1987, p. 31.
- ³⁵ Nu-Sol. “Em movimento” (*hypomnemata 157*). Junho de 2013. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=188> (acesso em: 13/08/2013).
- ³⁶ Heráclito. “Fragmento 66”, op. cit., p. 94.
- ³⁷ Nuno Camarneiro. *No meu peito não cabem pássaros*. Rio de Janeiro, Leya, 2012, pp. 123-124.

Anti-security, Salete Oliveira & Gustavo Simões.

aula-teatro 14

anti-segurança

tucarena - puc/sp

29 e 30 de outubro

19h30

[retirada de ingressos às 18h30]

**lançamento
verve 24**

faculdade de ciências sociais, puc-sp
programa de estudos pós-graduados em ciências sociais, puc-sp
projeto temático: papesp - geopolítica, governamentalidade, planearna, novas institucionalizações
e resistências na sociedade de controle

